

## *Siedlung Halen: How to live together*

Bárbara Marta Salazar<sup>1</sup>, Helder Casal Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

<sup>2</sup>Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

Quando pensamos sobre a palavra casa e o que esta significa, pensamos normalmente sobre a vida privada e o espaço pessoal: as paredes que rodeiam e definem o quarto, os quartos e as pessoas que nos são mais próximas, os objetos e as memórias do lugar. Para alguns, casa traduz-se ainda nas palavras comunidade ou bairro. Para o arquitecto, desenhar uma casa implica um projeto sobre um espaço doméstico, que por sua vez implica imaginar uma forma para uma só unidade e assim pensar uma associação dessas unidades. Contudo, não existe uma forma ideal para construir, existe sim um número enorme de tipologias e sistemas construtivos em interdependência com uma rotina, uma cultura ou sociedade<sup>1</sup>...

Assim, e nas economias do mundo industrializado, a construção e a habitação está historicamente associada a reformas estruturais importantes. Afinal, o espaço doméstico é produção de cultura e vice-versa, mas também uma manifestação primária do conceito de propriedade e ocupação de território. Hoje, seria impossível e até incorreto, trazer a debate a ideia de uma só forma, de uma só solução. É igualmente relevante recuperar dados que permitam atuar de forma contemporânea no espaço coletivo. Portanto, e de acordo com o ensino desenvolvido na FAUP, para desenvolver esta investigação em particular, decidimos estudar a resiliência da forma através de um objeto em concreto: *Siedlung Halen*, do Atelier 5.

Este conjunto de habitação encontra-se na margem a sul do rio Aar, situado a 4,9 km da estação central de Berna, na Suíça e foi construído entre 1959 e 1961 segundo a iniciativa de uma cooperativa. É composto por 79 habitações de diferentes tipologias e como o nome *Siedlung* advinha, cada unidade de habitação encontra-se separada pelos seus pátios privados.

Se este projeto é um manifesto de longevidade, de simbiose com o lugar. Será que existe algum principio, alguma relação histórica entre este modelo de habitação e o modelo social que o sustém? Quais são os motivos para a sua resiliência?

---

<sup>1</sup> SABATER, GUASCH, MALDONADO, *Hàbitat Dissociat*, Barcelona: Edciciones del Viaducto, maio de 2007.

A nossa investigação faz-se principalmente sobre e através do desenho: plantas, cortes, alçados e outros elementos gráficos. Registos recolhidos e/ou produzidos. Exploramos nesta apresentação afirmações que encontrem justificação textual e simultaneamente geométrica.

A palavra de origem alemã parte de *Sied*, ou seja, *colono* em português. Por sua vez, *Siedlung* é sinónimo de *colónia* ou de *bairro*, composto por *casas económicas: Unghäuser*<sup>2</sup>. Estas devem evitar *custos desnecessários enquanto respondem às necessidades essenciais*. Como aponta Giorgio Grassi, as *Siedlungs* são essenciais no processo de expansão da cidade alemã do início do século XX até à segunda Guerra Mundial, um período que corresponde à república de Weimar, com intervenções de grande escala. Sobretudo, onde a necessidade de habitação de baixo custo era necessária. Mais, o autor relembra que a forma destes conjuntos, são também uma forma de planeamento e de imaginar a expansão do território à época: a ideia da cidade de jardim, de cada um possuir a sua propriedade, independentemente do escalão social.<sup>3</sup> Valores que herdamos e ainda verificamos.

Para além da forma, as dimensões mínimas que utilizamos hoje são na verdade uma consequência da vasta pesquisa sobre existencialismo mínimo e métodos avaliativos de Alexander Klein ou mesmo de Walter Gropius. No entanto, *Siedlung Halen* não corresponde nem à imagem das tradicionais *Wohnung* de Gropius nem deve ser comparado com movimentos como o SAAL(imagem5). Porque “*Na realidade o siedlung [Halen] é uma polis em miniatura, um protótipo, exigente, de classe-média no sentido antigo, que tanto inclui como exclui um design de estilo de vida típico daquela cultura.*”<sup>4</sup>, entenda-se da cultura suíça. Mais, ele está profundamente ligado à admiração e estudo exaustivo da obra escrita e construída de Le Corbusier. É impossível não encontrar as semelhanças entre as plantas de cobertura da *Cité de la Paix et du Pardon* em Sainte Baume e Roq (1948) e *Siedlung Halen* (1961).

A prévia adoção deste modelo de distribuição permite a dupla orientação das habitações: a face sul mantém-se privada e oposta à face norte, enquanto que os extensos corredores exteriores ligam as habitações aos espaços comuns de lazer, estes de propriedade coletiva. Ou seja, para esta forma de projeto entende-se que existe à partida um grupo que tanto possui uma habitação como partilha a propriedade dos espaços comuns.

---

<sup>2</sup> pág.209. Presença e Co. Langenscheidt. *Dicionário Alemão-Português/Português-Alemão*. Presença, 2012.

<sup>3</sup> pág.37. GRASSI, Giorgio. Trad., notas e introd. José Miguel Rodrigues. *Escritos Escolhidos: 1965-2015*. Porto : Edições Afrontamento, 2018.

<sup>4</sup> pág.13. ACHLEITNER, Friedrich. *Atelier 5*, Basel: Birkhauser Verlag, 2000.

Assim, precisamos agora de explicar como a tipologia se relaciona com o cooperativismo e como este se traduz em resiliência do projeto de arquitetura.

É certo que a reprodução aparente de uma unidade e a própria materialidade do edificado nos remetem para uma *produção em massa* nos tempos modernos. Porém, numa escala mais aproximada, conseguimos ler 6 variações de 2 módulos, espaços interiores com dimensões consideráveis e uma larga camada de isolamento nas paredes de meiação. Todas estas características ajudam-nos a prever que a associação de moradores em Halen tem características sociais e financeiras muito específicas e por isso a arquitetura que vemos hoje beneficia de valências impossíveis para as cooperativas portuguesas que historicamente partem de graves carências económicas/financeiras<sup>5</sup>. Em Halen quando falamos de mínimos, direcionamos sempre o pensamento para um modo de habitar que se atribuiria a uma classe média local. Aqui o cooperativismo não surge como a única e exclusiva forma de obter propriedade, mas como uma forma de garantir a qualidade da habitação e do modo de vida.

Segundo a o Movimento Cooperativista Europeu (1998): *“Na sua essência, o cooperativismo representa o processo de interação entre membros comprometidos cooperativamente, empregados e líderes, nas suas expectativas para o future (...) em princípios, programas, estatutos, livros e material educativo comum. Entenda-se estruturas, métodos de atividade, educação, etc. também herdados do passado”*<sup>6</sup>.

O cooperativismo prevê a dicotomia privado-público que Halen desenha assim como protege e antecipa a proteção de um determinado património. Até mesmo as alterações individuais, no caso de representarem uma adversidade à unidade do conjunto, podem estar dependentes de decisões coletivas. A propósito das mais recentes intervenções de recuperação, Bernhard Furrer refere a atitude exemplar e o envolvimento da Comissão Federal Suíça pela preservação dos monumentos em *Siedlung Halen*. Inclusivamente, descreve-nos o processo pelo o Atelier 5 se reaproxima da obra: *“(...) os arquitectos formularam princípios detalhados para a restauração, um dossier de 100 páginas. Este descreve cada elemento e as suas particularidades e define as possibilidades e restrições a alterações. Oferece também a possibilidade de mudanças individuais dentro dos seus interiores, respeitando alguns princípios, tudo exceto as paredes de divisão e as escadas que não podem ser alteradas. Um pequeno*

---

<sup>5</sup> pág.15. FLEMING, Arnaldo e MAGANO, Olga. *Habitação Cooperativa em Portugal: 1974-1991*. Centro de Estudos do Cooperativismo Habitacional: Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica, 1992.

<sup>6</sup> Pág.3. CHLOUPKOVA, Jarka. *European Cooperative Movement : Background and Common Denominators*, 1998.

*aumento da cozinha para o pátio de entrada é definido. Por outro lado, extensões ao volume originalmente construído não são permitidas (pátio, terraços, brise-soleil, jardim). O tratamento das janelas também é definido para todo o grupo.”*

Em suma, Siedlung Halen e a sua resiliência depende, em primeiro lugar, pela partilha de valores arquitectónicos e pesquisas formais em torno de ideais sociais económicos e artísticos comuns. O atelier 5 disponha de um estudo enquadrado na cultura suíça e europeia como vimos pelas semelhanças programáticas e depois formais com o projeto de Le Corbusier. E num segundo momento, podemos afirmar que desde a sua conceção até estas últimas intervenções de recuperação, a longevidade da obra e do seu habitar é sempre garantida pela associação de moradores que reconhece o valor do património e que coopera para o proteger.

Tentamos através desta investigação compreender as ferramentas que traduzem a resiliência da arquitectura porque percebemos que ela é essencial à sua sustentabilidade. Teremos sempre de basear as nossas intervenções para além de questões estéticas e formais, só assim poderemos construir cidades e vidas melhores.

#### Bibliografia:

ACHLEITNER, Friedrich. *Atelier 5*, Basel: Birkhauser Verlag, 2000.

A+U ARCHITECTURE AND URBANISM. *European Architecture 1945-1970 : Synthesis of Modernism and Context*. Tokyo: A+U Publishing Co., n° 566, 2017.

A+U ARCHITECTURE AND URBANISM. *Special Issue: Atelier 5 - 1976-1992*. Tokyo: A+U Publishing Co., n° 566, 1993.

DESAX, Martina; LENHERR, Barbara; PFENNINGER, Reto. *verDICHTen: Internationale Lowrise-Wohnsiedlungen im Vergleich*. Zurique: Triest, 2016.

AA - L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *La Suisse par D. Valeix et Andre Bloc*. AA, n° 121, 1965.

BRAND, Stewart. *How Buildings Learn: What Happens After They'Re Built*. Londres: Penguin Publishing Group, 1995.

BOESIGER, Willy. *Le Corbusier: Complete Works in Eight Volumes*, Les Éditions d'Architecture, Zurich e Fundação Le Corbusier, 2017.

CHLOUPKOVA, Jarka. *European Cooperative Movement : Background and Common Denominators*, 1998.

FLEMING, Arnaldo e MAGANO, Olga. *Habitação Cooperativa em Portugal: 1974-1991*. Centro de Estudos do Cooperativismo Habitacional: Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica, 1992.

FRAMPTON, Keneth (prefácio); PENTH, Antje. *Atelier 5: Siedlungen und städtebauliche Projekte*, Vieweg+Teubner Verlag, 1994.

GA- GLOBAL ARCHITECTURE. *Atelier 5 - Terrace Houses*. Tokyo: A.D.A., n°23, 1974.

GRASSI, Giorgio. Trad., notas e introd. José Miguel Rodrigues. *Escritos Escolhidos: 1965-2015*. Porto : Edições Afrontamento, 2018.

H.M. *Siedlung Halen bei Bern: Architekten "Atelier 5"*. Schweizerische Bauzeitung: n°49, 1959.

MARCHAND, Bruno. *Y aurait-il un «modèle helvétique» de l'habitat intermédiaire?* Espazium, 2015.

MIESCH, Barbara et al. *Siedlung Halen*. Haupt Verlag AG, 2010.

THE ARCHITECTURAL REVIEW, *Zurich's long history of co-operative housing has much to teach cities with housing shortages*, 2016. Disponível no website architectural-review, 28.10.20.

PORTAS, Nuno; rev. Manuel Mendes. *A Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: Publicações FAUP, 2004.

PRESENÇA e Co. Langenscheidt. *Dicionário Alemão-Português/Português-Alemão*. Presença, 2012.

SABATER, GUASCH, MALDONADO, *Hàbitat Dissociat*, Barcelona: Ediciones del Viaducto, maio de 2007.

SHERWOOD, Roger. *Modern Housing Prototypes*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

[s.a] *DIE SIEDLUNG HALEN bei Bern, 1959-1961* : Architekten Atelier 5 ; Erwin Fritz, Samuel Gerber, Rolf

Hesterberg, Hans Hostettler, Niklaus Morgenthaler, Alfredo Pini, Fritz Thormann, BernDas Werk :

Architektur und Kunst = L'oeuvre : architecture et art. Mobile Architektur - Siedlung Halen, n°2, 1963.